

NOTICIA VERDADEYRA DO TERRIVEL CONTAGIO.

*Que desde Outubro de 1748. até o mez de Mayo de 1749.
tem reduzido a notavel consternação todos os Cer-
tões, terras, e Cidade de Bellém, e Graão Pará,*

Extrahida das mais fidedignas memorias.



Ogrou toda a Cidade de Bellém do Gram Pará até o anno de 1724. tal felicidade nos ares, tanta benignidade no clima, q̃ gozavaõ os seus moradores de mais dilatada vida. Abundavaõ os Certões em cação, o mar em peixes, a terra em frutos, e o Ceo em benignas influencias. Cresciaõ com a bondade de tanto jubilo as riquezas aos Contratadores, as magnificencias aos Palacios, os cultos às Igrejas, o respeito às Dignidades, e o exercicio às virtudes; e posto todas estas venturas ao presente se observem, lómente a da faude, e a do clima, por segredos incomprehenfíveis, tem degenerado da sua primeira situação. Apenas chegou da Corte o primeiro Prelado desta Cathedral o Excellentissimo. Senhor D. Fr. Bartholomeu do Pillar, digno exemplar de Bispos, logo encontrou huma tal epidemíã, que chegando-se a espalhar por todo o seu espirital governo, o obrigou a deprecar a Deos, fazendo Preces publicas, e chegando a ir descalço na Villa da Vigia, e Cametã; para que o Arbitro do mundo, movido aos empenhos da contrição, e da supplica; abrandado o rigor da sua justificada vingança, usasse das branduras da sua misericordia infinita. Ouviraõ-se os rogos; e ainda que pouco se aplacou o fogo, tornou a levantar mayores chãmas

chãmas no principio de Outubro de 1748. sendo já no anno de 1742. mais rigoroso mal. Procedeu este contagio de humas canoas, que vieraõ do Certaõ, cheyas de Escravos todos inficionados com o sarampo, mas tão pouco conhecido dos Cirurgioens mais experimentados, que os poucos finaes faziaõ desmentir toda a malignidade. Principiou-se a applicar remedios, mas foraõ tão infructiferos, que se a huns serviaõ de triaga, a outros eraõ veneno. Esta contradicção, opposta ao discurso filosofico, causava semelhantes effeitos. Os mesmos, que já pareciaõ estavaõ livres do susto, por mais que guardassem os regimentos, e tivessem com a vida grande economiã, segunda vez sentiaõ os golpes da enfermidade. A estes terriveis affaltos se congregaõ os impulsos de vomitos de sangue, e diarrhêas, que finalmente pagavaõ à morte o seu tributo. A tão elevado graõ subio o mal, que já todas as cazas lamentavaõ a perda de todas as suas riquezas. Tal Senhor houve, q̃ deu à terra mais de cem escravos, entre pretos, e malucos, caboucos, e mestiços. Não havia nos Conventos sepulturas para mortos; *serviaõ os campos de campa aos cadaveres*. Dous mezes durou este funesto perigoso achaque, mas passados estes, degenerou em febres malignas, estupores, e papeiras, às quaes doenças se applicavaõ remedios ridiculos, e de pouca utilidade; porém a muitos causou bondade. Enfim não houve Tapuya, ou quem delle tivesse sangue, que não padecesse a força deste contagio. Servio de privilegio aos filhos do Reyno.

Lastima era grande, admirar em huma caza setenta enfermos, aos quaes só ministrava o comer o mesmo dono dellã; e chegou a tanta desgraça, que os mesmos feridos da dor, serviaõ huns aos outros, ou movidos da compaixão propria, ou resolutos a verem o ultimo prejuizo. Este beneficio da misericordia chegou aos vezinhos, que ajudavaõ a todos; porque os que vinhaõ de fóra da Cidade, não queriaõ entrar nella com o receyo do insulto. Ainda muita gente se ausentou para as suas roffas, às quaes tambem chegou parte do contagio. Cada dia eraõ continuas as

lem-

lembranças dos mortos; e tempo houve, que succedeu fahir o Santissimo pela manhã, e recolherse ao jantar; e o mesmo se obsevou de tarde. Como a enfermidade era dilatada, e os enfermos infinitos, não se podiaõ achar galinhas, e as que se descobriaõ custavaõ meya oitava de ouro; e a tal consternação chegou esta carencia, que em lugar de caldos, bebiaõ os de farinha de pão, de que muitos derão graças a Deos, por terem em suas cazas este sustento, antes que a epidemia lançaſse as raizes à sua crueldade.

Nos mais mantimentos se experimentou o mesmo excesso da carestia, toda causada pela morte dos Indios, que estes são os que conduzem para a Cidade quanto nella se precisa. Eraõ as lagrimas dos moradores frequentes; porque alguns, a quem a ventura tinha debaixo do seu patrocínio, ficaraõ reduzidos a lamentavel ruina; porque toda a riqueza da terra consiste na multidaõ dos escravos, e subditos.

Neste funebre estado estava a Cidade do Parà, não havendo já medicina, que se applicar, nem remedios que fazer. Poucos eraõ os Religiosos para as confissoens. As portarias dos Conventos continuamente se patentiauaõ para as absolviçoens, tanto de noute, como de dia. Alem destas obras da virtude, exercitavaõ a da caridade, porque eraõ muitos os pobres, que pediaõ as esmollas, e a todos desejavaõ acudir, ainda que estavaõ tambem sentindo a mesma infelicidade.

Já não haviaõ pretos, que lavaſsem os defuntos; porque ou temorosos do contagio, ou menos compassivos da dor, ausentavaõ-se de semelhantes actos. Os escravos eraõ levados pelos mesmos Senhores, e os hiaõ lançar às feras nos matos vezinhos à Cidade, como a *Peri*, e *S. Jozè*, outros ao mar, nas portas das Igrejas, e finalmente outros expostos à misericordia dos vivos. A estes acrescço a afflicção; porque ponderando, que a corrupção dos mortos poderia inficionar os ares, todos se julgavaõ victimas do estrago, e despojos da morte; mas tudo succedeo diverso do que se conjecturava; porque feryio a cautela de remedio ao dano, e de lenitivo ao susto.

Dezejosos todos de saberem o numero dos mortos, principiaraõ a extrahir memorias dos Reverendos Parochos das duas Freguezias, a Sè, e o Rosario da Campina, e se soube chegavaõ ao numero de cinco mil pessoas, exceptuando todos os escravos dos Conventos, da Vigia, Cametã, como tambem das fazendas dos Rios *Guamá*, *Gua-carã*, *Moujã*, *Majuaã*, *Capim*, e outros muitos. Passando das Roças as Missoens, na da Gorupatuba, que he dos Religiosos Capuchos da Piedade, faleceraõ seis centas pessoas; na de Marivã dos Religiosos do Carmo trezentas; e finalmente todas tem chegado ao ultimo extremo; esta he a causa, porque saõ poucas as canoas, que vem à Cidade, porque lhes faltaõ os remeiros. Tudo isto, com a maior certeza, excede o numero de quinze mil mortos; sem fazer lembrança dos Certoens, que como vivem incognitos pela impenetrabilidade dos matos, parece impossivel fazerse especifica memoria.

Vendo a Camara, que o mal continuava, movida de piedade, suplicou ao Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor Bispo Diocesano D. Fr. Guilherme de S. Joze preces publicas, para que estas inclinasse a piedade de Deos sobre tanta ruina. Approvou o Prelado a diligencia catholica; e dezejando condescender aos rogos dos afflictos moradores, mandou às Communidades quizessem assistir a hum acto, no qual se interessava o mayor augmento. Chegou o dia 6. de Novembro de 1748. no qual com summa devoção se ordenou huma Porcissão deprecatoria. Foy levada nella aos hombros dos Reverendos Conegos da Sé a milagrosa Imagem de N. S. de Bellẽm, Padroeyra da Cidade, a de S. Anna pelos Beneficiados, revestidos com sobre pelis e estollas, a de S. Antonio pelos meninos do coro, e a de S. Sebastião por outros Sacerdotes. Foraõ as ruas mais principaes da Cidade glorioso theatro destes clamores, e recolhendo-se outra vez à Cathedral, logo no dia seguinte se principiou hum Novenario de preces; fazendo-se na Missa sempre a commemoração *de peste*: Imitaraõ este exemplo os Religiosos da Companhia, expon-

do no Collegio de S. Alexandre o Santissimo Paõ dos Anjos, e prègando tres dias de Missaõ o M. R. P. Gabriel Malagrida, cujas lerras, e virtudes são publicas. Muitas conversoens se devem ao seu fervoroso espirito; nãõ sãõ no Pará, e Maranhãõ, mas em todos os Certoens de Pernambuco, Paraiba, e Bahia, aonde ha muitos annos anda semeando a palavra Divina.

Assim como crescia o mal se multiplicavaõ os rogos. Quizerãõ tambem os Religiosos Capuchos da Provincia de Santo Antonio de Portugal, mostrar, nãõ sãõ a ternura do seu sentimento, mas tambem os estímulos da sua caridade, Sahiraõ à meya noute do seu Convento em Procissãõ, todos descalços, com a devota Imagem de Christo Crucificado, e dirigiraõ o seu destino à Igreja da Misericordia, aonde, tomada huma rigorosa disciplina, cantaraõ a Missa, que ordena a Igreja, no tempo de tãõ grande calamidade; e com a mesma modestia, e *terneza* se recolheraõ ao seu Convento. A estes Religiosos seguirãõ seus Irmãos seculares da Terceira Ordem, fazendo Procissõens em tres dias distinctos, nos quaes levarãõ as prodigiosas Imagens da Senhora da Conceiçaõ, do Senhor dos Passos, e de S. Francisco. Encominharaõ no primeiro dia os seus piedosos passos, descalços, e cheyos de penitentes instrumentos à Igreja do Rosario dos brancos, no segundo a Misericordia, e no terceiro a Ermida de S. Joãõ. Tãtos foraõ os dias, quantas as disciplinas, que tomaraõ, e as Missas que se disserãõ; tudo eraõ deprecaçoens ao Ceo, para que extinguisse as causas intensas de tãto ardor.

Os Religiosos de N. Senhora das Mercês, que alem de sentirem grande perda, se compadeciaõ da commua, e universal molestia, principiãraõ em 9. de Novembro preces no seu Convento, tendo exposta à veneraçãõ publica no Cruzeiro, a protentoza Imagem de Christo morto, a quem acompanhava sua Mãy Santissima no doloroso titulo da Soledade. Finalizadas as supplicas a 18. sahiraõ pela meya noute em Communidade descalços, de pòis de tomarem na sua Igreja huma continuada disciplina, visitaõ

as duas da Cidade, com o *Miserere*, e depois que se recolherão, cantarão a Missa do tempo com lagrimas; e sentimento. Tudo se fazia preciso para huma necessidade tão urgente, mas como o excesso se elevava, pedio o povo aos mesmos Religiosos, duplicassem os seus louvores, com o Sacramento exposto. Não achou repugnancia esta supplica, porèm logo a executarão, expondo com magistral eloquencia, e com espirito heroico, as infelicidades do Pará o M.R.P.M. Fr. Pedro Mendes Commendador do mesmo Convento, Varão tão applicado aos exercicios da Virtude, como Mestre nos empenhos da literatura.

Mostrarão os Religiosos do Carmo, neste excesso o seu sentimento; e para que não ficassem sem exercicio em obra tão pia, e virtuosa, começaram a supplicar a Deos no seu Convento, desde 19. de Novembro até 28. estando no Cruzeiro o Senhor dos Passos. No ultimo dia pela meya noute, finalizada que foy huma rigorosa disciplina, forão descalços, com a Veneranda Imagem do mesmo Senhor à Igreja da Misericordia, entoando em todo o caminho o Psalmo *Miserere*. No principio da Procissão levava o Vigario da Caza nas mãos outra Imagem de Christo Crucificado. Nesta Igreja tomãrão segunda disciplina, e voltando para o seu Convento, terceira vez flagellarão o corpo, e depois cantarão Missa. Não só haviaõ estas penitencias publicas, mas tambem em cazas particulares se observavaõ. Como o mal era universal, devia a supplica ser commua. Ainda isto não foy bastante para q̃ Deos se compadecesse da nossa desgraça; antes crescêdo o contagio, instou o povo aos mesmos Religiosos, que continuassem as rogativas. Compadecidos das vozes tristes dos moradores, repetirão segunda novena a 4. de Dezembro, levando a mesma Imagem. No quinto dia da mesma fórma, e tomãrão segunda disciplina na Misericordia, e a terceira na Igreja de S. João, da qual se recolherão ao seu Couvento; e entãõ subio ao Pulpito o M. Leitor Fr. Pedro de Santo Eliseu, e recitou hum tal discurso, que forão as lagrimas no auditorio sinaes de arrependimento. A 21. repetio o

mesmo Orador segundo Panegyrico, e se continuáraõ as Preces na mesma Igreja. Advertindo os Presbyteros Seculares nos effeitos da Epidemíã, e que as mortes eraõ tantas, como os instantes, resolveraõ animar aos mais Catholicos em manifestas expressões da magoa. Sahiraõ da Ermida de São João com a Imagem da Senhora da Oliveira, para a Igreja do Rosario dos pretos, na qual continuáraõ as suas supplicas pelo espaço de nove dias, multiplicando nas vozes do sentimento os jubilos do affecto. Emfim uni-raõ-se os Religiosos Capuchos da Provincia da Conceição, e da Piedade, e trouxeraõ do Convento de S. Jozé em Procissão a Imagem do Senhor morto, para a Igreja da Misericordia à meya noute; e chegando defronte da freguesia do Rosario, sahio de dentro a Imagem da Senhora de Nazareth, e foraõ todos à Misericordia tomar disciplina. Nove dias durou este reverente culto, no fim dos quaes, orou com a sua costumada eloquencia, o Reverendissimo Commissario da Provincia da Piedade, e a 11. de Janeiro, congregadas as mesmas Communidades, descalços, penitentes, e acompanhados dos Terceiros Seculares, depois de visitarem as ruas mais principaes com grande edificação se recolheraõ ao Convento de S. Jozé dos Religiosos da Piedade.

Nesta infauſta cuituação estava todo o Bispado do Pará, quando chegaraõ ao Maranhão os Navios do Reyno. Penetraraõ logo estas vozes, e clamores a toda a Cidade, que tambem havia hum anno, que tinha sentido parte deste contagio. Procurouſe a individualidade, e certeza delle, e por cartas fidedignas se fez mais terrivel a concideração, e a pena. Nesta monção tinha chegado o Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor D. Fr. Miguel de Bulhoens e Sousa; e posto estas noticias eraõ capazes de assustar os mais fortes, e robustos animos, com tanta grandeza se portou, que lhe servio a dilação de tormento, porque queria de alguma sorte pôr remedio a tanto perigo. Assim succedeo, porque desembarcando no Pará a 3. de Fevereiro de 1749. dispostas, e ordenadas todas as cousas, que se

94-57-34
se precisaõ ao governo espirital, dispendeo, e abrio os thesouros da Igreja no Collegio de S. Alexandre no dia 25. de Março, no qual Pontificou, e deu Communhaõ a todas as pessoas, e expondo o Sacramento neste Triduo. No primeiro dia orou o P. M. Jozè de Moraes, no segundo o P. Gabriel Malagrida, e no terceiro Sua Excellencia com tanta expressaõ, facundia, e espirito, que se conheceo a reforma das vidas. No fim do Sermaõ mandou dar varias Indulgencias, que lhe tinha concedido, do Erario Pontificio, o Santissimo Padre Benedicto XIV. e se continuou por mais dias este exercicio.

Ultimamente recebo o Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor Bispo do Maranhão D. Fr. Francisco de Santiago cartas do Excellentissimo Prelado do Pará, e collegindo dellas a continuacão do mal, movido do zello Catholico, e da commua ventura, ordenou que em todas as Igrejas do seu Bispado, principalmente *Mearim*, *Tapuytapéra*, *Mocha*, e *Maranhão*, se fizessem Preces, para que Deos abrandasse tanto furor, e justica.

Acha-se mais diminuida a malignidade, porque já não ha Tapuyas, em que o mal empregue os seus golpes; e por esta causa varias vezes se sente a carencia de carne, e tainhas, por não haver quem conduza semelhante sustento do *Marajo*; e cresceo a mayor lastima esta infelicidade, depois que em Abril se perderão as duas canoas, que ministravaõ este remedio. Deos nos acuda com a sua immensa misericordia, e ouça os nossos rogos, e clamores, *para que não vá huma perda sendo vaticinio de outra perda, assim como hum abysmo chama outro abysmo.*

L I S B O A :

Na Officina de Pedro Ferreira, Impressor da Augustissima Rainha N. S.
Anno de M.DCC.XLIX. *Com todas as licenças necessarias.*

Acharse-ha nesta Officina ao arco de Jesus junto de S. Nicolão, e nos papelistas do Terreiro do Paço. Ficaõ-se imprimindo, e brevemente sahiraõ a luz, as Relacoens da Viagem, e entrada do Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor D. Fr. Miguel de Bulhões, e Sousa; e tambem hum Panegyrico gratulatorio, que lhe offereceo hum Anonimo no dia da sua entrada, &c. e todas com noticias curiosas.

